

## **O ensino de latim no 3º grau: a manutenção da tradição ou a alienação do educando**

Francisco Diniz Teixeira  
Mestre em Estudos Literários pela UNESP/CAr – SEE – DE de Carapicuíba  
[chicodinizteixeira@yahoo.com.br](mailto:chicodinizteixeira@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este texto é uma versão revista de uma palestra apresentada na Semana de Letras da Universidade do Grande ABC – UNIABC – em 2006. Nele, são apresentadas algumas considerações sobre a origem da descrição lingüística do Latim presente em diversos manuais utilizados nos Cursos de Letras brasileiros para o seu ensino, seguidas de algumas reflexões sobre essa prática.

**Palavras-chave:** descrição do latim – declinações – manuais – ensino tradicional.

### **1. Introdução**

Vivemos uma época de revisão de valores em nossa sociedade e, um deles em especial, passa por uma crise profunda: o ensino. Atualmente, a maneira como muitos dentre nós aprendemos, chamada de tradicional, exigia do aluno apenas um esforço de memorização mecânica, por se construir com regras e exceções, tabelas e mais tabelas. Esse processo balizou por muito tempo o ensino de nossa língua materna, como afirma Márcia Kraemer (2006, p. 7):

Na *Escola Tradicional* impera a pedagogia do *Certo* e do *Errado*, traduzida por um modelo lingüístico que privilegia as classes dominantes e discrimina as demais formas de uso da língua. Esse conceito procura cercear certas manifestações da língua, norteando o aluno para a aquisição de uma variante ideal, cujo modelo é apresentado por autores clássicos e indivíduos de altas esferas socioculturais.

Como substituto a este modelo tradicional, observamos a implantação do modelo sócio-construtivista, sinônimo de modernidade entre as teorias pedagógicas, por pregar a construção do conhecimento como um processo ativo da parte do aluno, que deixa de ser considerado como mero receptor de informações e, que passa a ter o papel de sujeito ativo na construção de seu próprio saber. Mas a teoria sócio-construtivista não tem respondido, na prática, aos anseios de renovação no ensino, pois o construtivismo que se praticou no Brasil em muitos pontos distanciou-se muito daquilo que Piaget teorizou, servindo mais como ferramenta de exclusão do aluno em relação ao saber do que o método tradicional.

## 2. A tradição na descrição do latim

O ensino do latim, como sabemos, foi parte do currículo da escola básica e média até os anos 1960 no Brasil, quando uma reforma na Lei de Diretrizes e Bases da educação o suprimiu da grade escolar e o reservou apenas aos cursos de Letras, pois ele deveria servir “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LIMA, 1995. p. 24), tal como preza a nossa Constituição. Mas o que se observa é que o ensino de latim reservado aos cursos de Letras, dado o seu caráter instrumental, isto é, de desenvolvedor de competências e habilidades, está muito longe daquilo que a Carta Magna espera para o cidadão.

Isso se dá porque o latim que se ensina em apenas um ano é justamente aquele que pessoas de mais idade associam ao modelo cristalizado do ensino tradicional, devido às suas tabelas de declinações, verbos, preposições, pronomes etc., e que era tido como modelo de língua regular, devido às suas construções sintéticas e a toda tradição que o ensino escolar a ele associou. E a maneira como se ensina o latim, hoje nos Cursos de Letras, em nada está distante da maneira como os professores que o trabalhavam na escola básica há 50 anos o faziam e a única diferença, entre esses dois períodos, reside na sua duração dentro do Currículo. Logo, ao invés de durar 7 ou 3 anos, os alunos são obrigados a freqüentar as aulas dessa matéria “chata” por apenas um ano. E muitos a consideram chata por ainda serem apresentados às mesmas e infintas tabelas, que seus pais e avós conheceram a quase 50 anos, da mesma forma.

Esse ranço que os mais velhos associam ao latim, provém da maneira como era ensinado, pois, a sua descrição foi o paradigma modelar para a formação dessa visão de *Certo* e *Errado* na língua, apoiada em citações exemplares de escritores consagrados, devido às regularidades de seu sistema lingüístico e que persiste na descrição de nossa língua materna, mesmo sem a língua de Roma por lhe fazer companhia na escola básica.

A descrição do sistema lingüístico do latim que se faz presente em obras como *Noções Fundamentais da Língua Latina(1)*, de Napoleão Mendes de Almeida e na série *Gradus* (Primus, Secundus, Tertius et Quartus), de Paulo Rónai – muito comuns e de fácil aquisição no mercado editorial brasileiro – é a mesma que Élio Donato fez, no século IV de nossa era, na sua *Ars Grammatica*. Alguns aspectos em relação à descrição que Donato faz do latim devem ser ressaltados, mas seria interessante aqui conhecer um trecho de seu manual:

**“DE NOMINE**

*nomen quid est?* pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterue significans.

[...]

*casus nominum quot sunt?* sex.

*qui?* nominatiuus genetiuius datiuus accusatiuus uocatiuus ablatiuus. per hos omnium generum nomina pronomina participia declinantur hoc modo: *magister* nomen appellatiuum generis masculini numeri singularis figurae simplicis casus nominatiui et uocatiui, quod declinabitur sic: nominatiuo *hic magister*, genetiui *huius magistri*, datiuo *huic magistro*, accusatiuo *hunc magistrum*, <uocatiuo *o magister*>, ablatiuo *ab hoc magistro*; et pluraliter nominatiuo *hi magistri*, genetiui *horum magistrorum*, datiuo *his magistris*, accusatiuo *hos magistros*, uocatiuo *o magistri*, ablatiuo *ab his magistris*. *Musa* nomen appellatiuum generis feminini numeri singularis figurae simplicis casus nominatiui et uocatiui, quod declinabitur sic: nominatiuo *haec Musa*, genetiui *huius Musae*, datiuo *huic Musae*, accusatiuo *hanc Musam*, uocatiuo *o Musa*, ablatiuo *ab hac Musa*; et pluraliter nominatiuo *hae Musae*, genetiui *harum Musarum*, datiuo *his Musis*, accusatiuo *has Musas*, uocatiuo *o Musae*, ablatiuo *ab his Musis*.”

**Correspondente vernáculo:**

**Sobre o Nome**

**O que é o nome?** É a parte do discurso com caso, forma ou palavra portadora de significado, próprio ou comum.

[...]

**Quais são os casos dos nomes?** Seis.

**Quais?** Nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo. Estes são declinados para os nomes, pronomes e participios de todos os gêneros, desta forma: *magister*, nome comum, do gênero masculino, de número singular, de sentido denotativo, do caso nominativo e vocativo, que se declinará desta forma: no nominativo *este professor*, no genitivo *deste professor*, no dativo *a este professor*, no acusativo *este professor*, no vocativo *ó professor*, no ablativo *por este professor*; e no plural, no nominativo *estes professores*, no genitivo *destes professores*, no dativo *a estes professores*, no acusativo *estes professores*, no vocativo *ó professores*, no ablativo *por estes professores*. *Musa*, nome comum, do gênero feminino, de número singular, de sentido denotativo, do caso nominativo e vocativo, que será declinada assim: no nominativo *esta Musa*, no genitivo *desta Musa*, no dativo *a esta Musa*, no acusativo *esta Musa*, no vocativo *ó Musa*, no ablativo *por esta Musa*; e no plural, no nominativo *estas Musas*, no genitivo *destas Musas*, no dativo *a estas Musas*, no acusativo *estas Musas*, no vocativo *ó Musas*, no ablativo *por estas Musas*.

A *Ars Grammatica* que Donato escreveu, e que foi uma das mais utilizadas no ensino de latim durante a Idade Média, era uma espécie de manual para consulta em sala de aula. Sua preocupação é a de definir apenas e descrever, resumidamente, aquilo que seriam as formas certas na língua dos romanos. Os escritores do cânone são o seu modelo de correção e, dentre eles, o mais recorrente é Virgílio, eleito como modelo do bom latim, citado mais freqüentemente no trecho em que o gramático discorre sobre estilística. Donato escreve para falantes nativos de latim (ainda que numa época tardia e distante do período áureo da produção artística feita na língua), portanto para aqueles que têm contato com a língua em sua oposição fundamental, *língua X fala*, isto é, entre seu sistema e seu uso. Este fato justificaria sua descrição concisa e objetiva, complementar à leitura dos escritores canônicos.

O grande problema que se enfrenta nas salas de aula em que o ensino do latim enquanto língua persiste, está na permanência deste modelo de descrição de língua que Donato faz, 15 séculos depois, mesmo com o desaparecimento dos falantes nativos do latim e de sua cultura. E por essa descrição se perpetuar numa época em que a *fala* da língua desapareceu, o seu ensino acabou por exigir do aluno apenas a memorização forçada de formas, que nada lhe dizem de significativo, por não lhe exigirem a reflexão que a aprendizagem de uma língua estrangeira exige, nem no oferecimento dos benefícios indissociáveis à aquisição de uma segunda língua, seja ela clássica, ou moderna.

### **3. A descrição do latim em manuais brasileiros**

Tendo visto a origem do modelo de descrição lingüística do latim, observemos então como ele é tratado em alguns manuais produzidos no Brasil no século passado. Começaremos com dois manuais produzidos na década de 1940 e que são utilizados de forma intensa em diversos Cursos de Letras no estado de São Paulo, os livros de Paulo Rónai e Napoleão Mendes de Almeida. Apresentaremos alguns fragmentos, sobre um mesmo tópico, das obras: *Gradus Primus*, de Paulo Rónai, *Noções Fundamentais da Língua Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida, *Programa de Latim: Introdução à língua latina*, volume 1, de Júlio Comba, *Introdução à teoria e prática do latim*, de Janete Melasso Garcia e *Latina Essentia*(2), de Antônio Martinez de Resende.

Examinemos então, como Paulo Rónai (2004, p. 31-33.), por exemplo, aborda e descreve a **1ª declinação** em sua obra *Gradus Primus*, destinada aos alunos de ginásio do final dos anos 1940:

### IX. VITA AGRICOLARUM

Agricōlae semper sub divo vivunt. Parum dormiunt, mature surgunt. Terram arant, plantas aquā rigant. Avicūlas audiunt, umbrā silvarum gaudent. Diligentīa agricolorum patriam nutrit. Poëtae laudant vitam agricolorum.

### VOCABULÁRIO

<i>sub divo</i>	ao ar livre	<i>aro, -as, -are</i>	lavar
<i>vivo, -is, -ēre</i>	viver	<i>avicūla</i>	passarinho
<i>parum (adv.)</i>	pouco	<i>audiō, -is, -ire</i>	ouvir, escutar
<i>dormiō, -is, -ire</i>	dormir	<i>umbra</i>	sombra
<i>mature</i>	cedo	<i>silva</i>	selva, floresta
<i>surgo, -is, -ere</i>	levantar-se	<i>diligentiā</i>	diligência
<i>Terra</i>	terra	<i>nutriō, -is, -ire</i>	nutrir, alimentar

[...]

§ 17º As declinações.

Encontramos até agora os casos seguintes: nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo, ablativo. O conjunto dos casos chama-se declinação. Declinar um nome significa enumerar os seus seis casos no singular e no plural, ou, em outras palavras, enunciar as diversas formas que ele reveste conforme as funções que desempenha na frase. Em latim declinam-se os substantivos, os adjetivos e os pronomes. A declinação de todas estas palavras não é, porém, idêntica. Existem cinco maneiras de declinar os substantivos, isto é, cinco declinações.

§ 18º Primeira declinação

NOMES TERMINADOS EM -A

Modelo: *rosa, -ae* ("rosa").

CASO	FUNÇÃO	SING.	TRADUÇÃO	PLUR.	TRADUÇÃO
Nominativo	Sujeito	<i>ros-a</i>	"a rosa"	<i>ros-ae</i>	"as rosas"
Vocativo	Interpelação	<i>ros-a</i>	"ó rosa!"	<i>ros-ae</i>	"ó rosas!"
Acusativo	obj. direto	<i>ros-am</i>	"a rosa"	<i>ros-as</i>	"as rosas"
Genitivo	adj. Restr.	<i>ros-ae</i>	"da rosa"	<i>ros-arum</i>	"das rosas"
Dativo	obj. indireto	<i>ros-ae</i>	"à rosa"	<i>ros-is</i>	"às rosas"
Ablativo	adj. circunst.	<i>ros-a</i>	"com a rosa"	<i>ros-is</i>	"com as rosas"

## EXERCÍCIOS

1. Conjugar no presente do ind. e do imp.: *vivo. dormio, nutrio*;
2. Procurar na leitura os verbos da I conjugação e depois os da II conjugação, da III e da IV.
3. Pelo modelo de *rosa*, declinar: *terra, agricola, puella. mensa*.
4. Dizer em que casos podem estar e que podem significar as palavras seguintes: *aqua; patriae; poëtis*.
5. Transportar as três primeiras frases da leitura para o singular.
6. Traduzir por escrito:

Os lavradores amam a terra da pátria. As alunas escutam os passarinhos da floresta. A diligência das escravas nutre as senhoras.

Já Napoleão Mendes de Almeida (1958, p. 32-35), em seu livro *Noções Fundamentais da Língua Latina*, apresenta na sétima lição a **1ª. declinação** desta forma:

## LIÇÃO 7

### 1ª. DECLINAÇÃO

**45** – Pertence à primeira declinação toda a palavra que tem o genitivo singular em *ae*. Quase todas as palavras desta declinação são do gênero feminino, havendo algumas do gênero masculino (nomes de homens, de seres do sexo masculino, de certas profissões e de alguns rios).

**46** – As **desinências da 1ª. declinação** são as seguintes:

SINGULAR		PLURAL	
NOMINATIVO	<b>a</b>	NOMINATIVO	<b>ae</b>
VOCATIVO	<b>a</b>	VOCATIVO	<b>ae</b>
GENITIVO	<b>ae</b>	GENITIVO	<b>arum</b>
DATIVO	<b>ae</b>	DATIVO	<b>is</b>
ABLATIVO	<b>a</b>	ABLATIVO	<b>is</b>
ACUSATIVO	<b>am</b>	ACUSATIVO	<b>as</b>

**47** – Note o aluno a existência de casos iguais (no singular há três casos terminados em *a* e dois em *ae*; o plural tem dois terminados em *is*). Não pense, porém, que isso traz confusão há frase. A análise dos termos da oração indica em que caso está a palavra. Justamente no fato de o latim obrigar-nos a analisar, a pensar, é que está a sua importância e proveito para a nossa inteligência, educando-nos, instruindo-nos, desenvolvendo nossa capacidade de análise científica, de concentração de espírito, de atenção.

**48** – Declinação de um nome feminino: *rosa, rosae* (= rosa):

	SINGULAR		PLURAL		
	radical	desinência		radical	desinência
NOM.	ros	– a	NOM.	Ros	– ae
VOC.	ros	– a	VOC.	Ros	– ae
GEN.	ros	– ae	GEN.	Ros	– arum

DAT.	ros	– <b>ae</b>	DAT.	Ros	– <b>is</b>
ABL.	ros	– <b>a</b>	ABL.	Ros	– <b>is</b>
AC.	ros	– <b>AM</b>	AC.	Ros	– <b>as</b>

**Nota** – Como pode observar o aluno, o radical permanece invariável em todo o decurso da declinação. Nenhuma dificuldade existe, portanto, para declinar uma palavra, pois basta, uma vez descoberto o radical, coisa que já sabemos achar (§ 32 e 39), acrescentar-lhe a desinência do caso que se deseja. Vemos, por conseguinte, que o importante é saber muito bem de cor as desinências da declinação a que pertence a palavra.

Qualquer palavra pertencente à 1ª declinação, que seja do gênero feminino, declina-se como *rosa, rosae*, como por exemplo, as seguintes:

<i>fabula, fabulae = fábula</i>	<i>praeda, praedae = presa</i>
<i>via, viae = via, caminho</i>	<i>musca, muscae = mosca</i>
<i>gloria, gloriae = glória</i>	<i>stella, stellae = estrela</i>

**49** – Declinação de nome masculino: *nauta, nautae* = marinheiro:

SINGULAR		PLURAL	
NOM.	<i>naut-a</i>	NOM.	<i>naut-ae</i>
VOC.	<i>naut-a</i>	VOC.	<i>naut-ae</i>
GEN.	<i>naut-ae</i>	GEN.	<i>naut-arum</i>
DAT.	<i>naut-ae</i>	DAT.	<i>naut-is</i>
ABL.	<i>naut-a</i>	ABL.	<i>naut-is</i>
AC.	<i>naut-am</i>	AC.	<i>naut-as</i>

**Nota** – A não ser a diferença de gênero, nenhuma outra diferença existe entre a declinação de *rosa, rosae* e *nauta, nautae*. Vê, portanto, o aluno que declinar em latim não é bicho de sete cabeças, a não ser para alunos relapsos, descuidosos do estudo. O que é preciso, tão somente, é **SABER DE COR, MUITO BEM DE COR, AS DESINÊNCIAS** de cada declinação.

[...]

## QUESTIONÁRIO

1 – Para que uma palavra pertença à 1ª. declinação, como deve terminar no genitivo singular?

2 – De que gênero são as palavras pertencentes à 1ª. declinação?

3 – Quais são as desinências da 1ª. declinação? (No responder indique os casos, dizendo tudo de cor e sem titubear. Quem não souber muito bem de cor as desinências das declinações jamais saberá latim).

4 – O fato de haver desinências iguais numa declinação perturba a compreensão de um texto latino? Porquê?

5 – Há alguma dificuldade para declinar uma palavra em latim? Porquê?

6 – Qual o radical de **planta, plantae**? Como fez para encontrá-lo? Decline essa palavra, discriminando todos os casos, primeiro no singular, depois no plural.

Algumas páginas adiante (ALMEIDA, 1958, p. 38, 42 e 46), Napoleão apresenta frases que não possuem uma indicação de autoria para tradução como exercício de fixação do conteúdo, além de frases em português para serem vertidas ao latim.

Fora isso, o QUESTIONÁRIO apresentado ao final da lição não tem outra finalidade que não a de fazer o aluno decorar o assunto da lição sob as ameaças do professor severo tal como neste aviso: “O que é preciso, tão somente, é **SABER DE COR, MUITO BEM DE COR, AS DESINÊNCIAS** de cada declinação”? (ALMEIDA, 1958, p. 33).

E o parêntese da questão 3 “Quem não souber muito bem de cor as desinências das declinações jamais saberá latim”! (ALMEIDA, 1958, p. 34). Sob ameaças como essa e na pressão de memorizar tanta informação, como esperar que o aluno aprenda latim? Algo difícil de imaginar nas atuais condições em que o latim integra o currículo dos cursos de Letras.

Vejamos como Comba (2002, p. 44-45.) aborda o mesmo assunto em sua obra, *Programa de Latim: Introdução à língua latina*, volume 1:

## 68 PRIMEIRA DECLINAÇÃO

### 69 Genitivo singular: *-ae*

Todos os substantivos da 1ª declinação se flexionam como *rosa, rosæ* (f.):

Casos	Singular		Plural	
Nom.	ros-a	a rosa	ros-æ	as rosas
Gen.	ros-æ	da rosa	ros-árum	das rosas
Dat.	ros-æ	à rosa	ros-is	às rosas
Acus.	ros-am	a rosa	ros-as	as rosas
Voc.	ros-a	ó rosa	ros-æ	ó rosas
Abl.	ros-a	pela rosa	ros-is	pelas rosas

**Obs.** – Mais tarde aprenderemos que o “a” da terminação do nominat. e do vocat. é breve, e que o “a” da terminação do ablat. é longo.

## 70 EXERCÍCIO



a) Declinem-se estes substantivos femininos: *casa, casae* choupana; *luna, lunae* lua; *rota, rotae* roda; *coróna, coronae* coroa; *via, viae* rua; *lácrima, lacrimae* lágrima.

b) Declinem-se estes substantivos masculinos: *convíva, ae* comensal; *colléga, ae* colega; *nauta, ae* marinheiro; *poëta, ae* poeta; *íncola, ae* habitante; *scurra, ae* bobo.

[...]

### 73 TRADUÇÃO

*1 Puella amat rosam. 2 Domina vocat ancillam. 3 Nauta amat lunam et stellas. 4 Puellae amant coronas rosarum(3). Nos amamus poëtas. 6 Vos donatis puellis coronas rosarum. 7 Luna et stellae illustrant terram. 8 Ego laudo sollertiam puellarum. 9 Feminae non amant pugnas. 10 Ciconiae devorant ranas. 11 Domina vocat ancillas. 12 Agricolaes donant puellis rosas et columbas. 13 Opera agricolae fecundat terram.*

Observemos, agora, como Janete Melasso Garcia (1993, p. 33, 34 e 40.) aborda o mesmo assunto em seu livro, *Introdução à teoria e prática do latim*:

A) 1ª declinação: tema em *-a*

Características:

1) a principal característica das declinações é a desinência de genitivo singular, que na 1ª declinação é *-ae*.

2) há predominância de palavras do gênero feminino, se bem que existam algumas do gênero masculino, como nomes de homens, profissões masculinas, seres do sexo masculino e nomes de alguns rios.

*Observação:* O dicionário registra, após o enunciado do verbete, o gênero da palavra, e o aluno deverá desde logo acostumar-se a consultá-lo com atenção. Ex.: rana, -ae, f.

*Desinências da 1ª declinação:*

<i>Singular</i>		<i>Plural</i>	
N.	<b>-ã</b>	N.	<b>-ae</b>
G.	<b>-ae</b>	G.	<b>-arum</b>
D.	<b>-ae</b>	D.	<b>-is</b>
Ac.	<b>-am</b>	Ac.	<b>-as</b>
V. =	ao nom.	V. =	ao nom.
Abl.	<b>-ã</b>	Abl.	<b>-is</b>

*Exemplo:*

<i>Singular</i>		<i>Plural</i>	
N.	<b>ran ã (= rã)</b>	N.	<b>ran ae</b>
G.	<b>ran ae</b>	G.	<b>ran arum</b>
D.	<b>ran ae</b>	D.	<b>ran is</b>

Ac.	<b>ran am</b>	Ac.	<b>ran as</b>
V.	= ao Nominativo	V.	= ao Nominativo
Abl.	<b>ran ā</b>	Abl.	<b>ran is</b>

*Nota 1:* como já foi dito, o caso Locativo só foi preservado na 1ª. e 2ª. declinações. O Locativo na 1ª. declinação é: -ae (Ex: Rom-ae).

*Nota 2:* há palavras que apresentam um significado no singular e outro no plural; o aluno deverá sempre ler o verbete do dicionário com muita atenção, pois a diferença de significado é registrada.

*Nota 3:* há palavras que são usadas apenas no plural; o aluno, quando não encontrar a palavra do texto com o enunciado no singular (-a, -ae), deverá procurá-la no plural (-ae, -arum).

[...]

Texto 1 – *In schola*

Ecce schola.

Puellae magistram salutant.

*Tulia magistra est.* Discipulae sunt: Caecilia, Claudia, Liuia et Márcia. Caecilia poetae filiae est; Claudia Liuiaque agricolae filiae sunt.

Hodie nautae filiae hic non est.

Discipulae magistrae historias amant. *Caecilia et Claudia attentae sunt dum magistra ranae fabulam discipulis narrat.* Liuia sedula non est.

Já, Antônio Martinez de Resende (2005, p. 21-22) aborda a descrição da 1ª declinação em seu livro de forma um pouco diferente da apresentada pelos gramáticos anteriores, pois se concentra apenas na oposição entre os casos Nominativo e Acusativo, sem, contudo, utilizar uma perspectiva diferente da cristalizada no paradigma das declinações:

## I – SUBSTANTIVOS

### TEMA EM -A

Um substantivo de tema em –A tem as seguintes flexões:

	singular	Plural
nominativo	-a	-ae
acusativo	-am	-as

nom.	fem̃A	fem̃AE	poetA	poetAE
acus.	fem̃AM	fem̃AS	poetAM	poetAS

### I – TRADUZIR FRASES.

[...]

1. Lucĭa amicas uisĭtat.
2. Poetae nautas laudant.
3. Nauta nauĭculam gubernat.

4. Vulpecūla gallinas uidet.
5. Gallinae uulpecūlam timent.
6. Poetae amant littēras.

#### **4. Considerações sobre a descrição do latim nos manuais brasileiros elencados**

A maneira como Rónai e Almeida descrevem a língua, para crianças de 5<sup>a</sup>. série entre os anos 1940-50, talvez, se justifique no contexto da época, mas a sua exposição e execução em sala de aula, por iniciantes adultos, atualmente, seria equivocada. A mesma abordagem se faz presente em autores posteriores a Rónai e Almeida, como Comba, Garcia e Rezende.

Não acreditamos que a persistência deste modo para apresentar a morfologia nominal latina se mantenha apenas por outra razão, que não a manutenção de uma tradição muito distante de nós, pois cremos que a Didática das Línguas e a Lingüística Aplicada são capazes de fornecer subsídios teóricos e metodológicos que possam ocupar o lugar desse trabalho insistente com listas de paradigmas.

Esse apego à tradição traz alguns obstáculos atrelados a si e detectados nas cinco obras citadas no corpo deste texto, que tornam o aprendizado da língua latina, algo excruciante, como:

- a) a inadequação metodológica, principalmente quando ainda se adotam as obras de Rónai e Almeida para iniciantes adultos nos cursos de Letras.
- b) descrição da língua de forma estanque, como se os latinos a aprendessem e utilizassem por blocos programáticos, ao contrário do que nos mostram os textos literários (documentos que registram o uso da língua feito por seus falantes, ainda que em parte deles predomine a função poética Jacobsoniana).
- c) descrição de cada declinação apoiada em textos inautênticos e reforçada por uma bateria de exercícios, que visa apenas à memorização forçada de formas alheias ao aluno e que somam 60 formas se, se espera que o aluno “aprenda” as cinco declinações nominais.
- d) desconsideração do latim como uma língua natural, de sincronia fechada, e que veiculou uma cultura existente durante um dado período no tempo, a saber, a cultura romana.
- e) exigência de memorização de vocabulário e de formas nominais e verbais flexionadas a esmo, de uma língua que não mais propicia a aquisição de competências lingüísticas como produção oral, recepção oral e produção escrita de discursos.

O grande problema deste método para o trabalho com iniciantes adultos é que eles são tratados como se fossem ainda alunos de 5<sup>a</sup>. série, que estão sempre prontos a fazer o que o professor solicita. Isto configura um sinal de alienação, pois o adulto que se submete a isso, ainda que temporariamente, o faz para obter o máximo conceito na avaliação da disciplina em é submetido a essa abordagem. E adultos não admitem uma abordagem alienante como esta, que exige demasiado esforço mnemônico, mas deslocada de sua realidade.

A abordagem da tradição escolar é a grande responsável pelo declínio do prestígio de que o latim gozava outrora, pois em mais de um século de estudos da linguagem, parece que a Lingüística Aplicada não tem nada a oferecer que possa auxiliar tanto o professor quanto o aluno no processo de ensino-aprendizagem de uma língua antiga, ou aqueles que redigem gramáticas do latim, que seguem esta metodologia, não se interessaram em investigar e se possível adequar ao ensino de língua, ferramentas eventuais que a Lingüística possa fornecer.

É inegável que o ensino de tradição escolar cumpriu ao longo do tempo seu papel de introduzir qualquer estudante no universo das Letras Latinas, mas numa época de transformações, querer se apegar e defendê-lo como abordagem única para a descrição do sistema de uma língua antiga, que sobrevive apenas nos textos literários que produziu nada mais é que anacronismo, uma vez que Donato e outros gramáticos descreviam a língua por declinações, o faziam para falantes que a tinham por língua materna. Esta é uma condição inexistente atualmente, dado que os iniciantes, que se encontram nos cursos de Letras, apenas têm contato com a língua nas horas-aula correspondentes à disciplina que a engloba. Para eles, é preciso uma abordagem diferente, uma vez que as listas de coisas a memorizar constituem um fator de motivação para o repúdio de uma língua, cujos rudimentos apenas conhecerão em um ano.

Contudo, com a permanência da abordagem tradicional (na maioria dos cursos que contam com o latim em seu currículo), que por natureza é alienante, qual a razão para se estudar latim? Dominar melhor a língua materna? Como? Tornar o indivíduo apto para desenvolver qualquer competência? Mas não existiriam outros meios? Desenvolver o raciocínio lógico-matemático?

Esses e uma série de outros mitos são apontados como justificativas para o ensino de uma língua, que não é nada mais em si mesma, do que a porta de acesso para a Literatura e a cultura de um povo desaparecido há muito tempo, mas cujo legado,

ainda sentimos presente em nossos dias: **os romanos**. Ponto em que se concorda com Fiorin (1991, p. 516-7.), quando ele discorre sobre a legitimidade do ensino das Letras Clássicas, que a seu ver:

... surge, assim, da própria formação de nossa cultura, da necessidade de buscar a identidade. Elas permitem-nos fugir da maldição de Eco, que possuía só alteridade, uma vez que não possuía sequer a iniciativa da fala. Ao mesmo tempo, porém, conhecer outras línguas, quaisquer que sejam, é buscar a diferença. Sob a infinita diversidade das línguas é a diversidade das culturas que fascina. Afinal, a língua mergulha numa cultura, define uma sociedade, forja para cada indivíduo uma visão de mundo. Para cada cultura, qualquer outra é motivo de espanto, de desconfiança e até de repulsa. No entanto, o conhecimento íntimo de uma cultura leva à compreensão e à aceitação da diferença. O estudo das línguas leva à alteridade e, portanto, à diferença. Permite-nos fugir do narcisismo, em sua vertente social, o autoritarismo, que nega a alteridade e pretende reafirmar sempre a identidade. É dessa forma que se torna o homem mais humano: nem Eco nem Narciso, nem negação da identidade nem da alteridade. As Letras Clássicas apresentam esse duplo aspecto: o da identidade e o da alteridade. Em sua completude, são uma herança a conservar.

Por isso, levando-se em conta as vicissitudes da sociedade moderna e tendo consciência do contato com a alteridade e as origens de nossa identidade – como membros da civilização judaico-cristã romana –, elementos necessários para a humanização do indivíduo, presentes no estudo de uma língua clássica como o latim, é que se justifica o seu estudo por estudantes do 3º grau ou do ensino básico.

### **Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Noções Fundamentais da Língua Latina**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1958.

COMBA, Júlio. **Programa de Latim: Introdução à língua latina**. 18 ed. São Paulo: Salesiana, 2002 (Volume 1).

DONATUS, Aelius. De partibus orationis ars minor. [texto]. Disponível em: <[http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Donatus/don\\_amin.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Donatus/don_amin.html)>. Acesso em: 20 mar. 2008.

FIORIN, José Luiz. Letras Clássicas no 2º Grau: Competência Textual e Intertextual. In: CARDOSO, Zélia de Almeida (Org.). **Mito, religião e sociedade** (Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos). São Paulo: SBEC, 1991. p. 514-19.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. Brasília: Edunb, 1993.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. Ensino gramatical de língua materna: uma arena de conflitos. **Revista Letra Magna** Nº 4, 2006. p. 1-11.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua: Questões de linguagem e de método**. São Paulo: Edunesp, 1995.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Latina Essentia**: preparação ao latim. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

RÓNAI, Paulo. **Gradus Primus**. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

### Notas

(1) **Gramática Latina** é a versão mais nova de seu clássico manual, publicada pela Editora Saraiva. A primeira edição da obra é de 1942.

(2) Cuja primeira edição é de 1993.

(3) A tradução de “rosarum” poderia ser “das rosas” ou de “de rosas”. Neste exemplo deve-se, porém, escolher a segunda (Nota do autor).